

Matéria: Ética e Jornalismo

Professora: Rafiza Varão

Aluno: Vítor Martins Ferreira

Meu Guri na *Piauí*

Quando se pensa no Brasil, logo vem à cabeça o samba, futebol, carnaval e... a violência. Segundo o último relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil ocupa a nona posição no índice mundial de homicídios. A violência faz parte do cotidiano do brasileiro. Não à toa, noticiários vinculam diariamente homicídios e roubos. Em uma luta pela audiência, os jornais buscam noticiar casos o mais chocantes possíveis e fotos e vídeos que causem maior impacto no público.

O valor noticia morte, associado a tragédias pessoais, assassinatos e à **violência** é um dos que mais atrai atenção do público. Isso explica porque programas policiais como o *Cidade Alerta*, da Band, e o *Balanço Geral* possuem tamanha audiência. Em troca de pontos no IBOPE, esses programas desrespeitam o Código de Ética do Jornalista. Não é raro ver os apresentadores incitando a violência e repórteres entrevistando pessoas que não foram julgadas ainda como se já fossem culpados.

Esses programas não são os únicos a apelarem ao sensacionalismo. Durante a cobertura do conflito entre facções rivais em prisões do Amazonas, Roraima e Rio Grande do Norte, que resultou em mortes com direito à tortura e decapitação, veículos de comunicação, mostraram as imagens de corpos mutilados e não se preocuparam, pois, com dignidade e privacidade das vítimas e de suas famílias. Assim, eles descumpriram o inciso VIII do artigo sexto do Código de Ética dos Jornalistas.

Art. 6º É dever do jornalista:

VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão.

Ao falar apenas sobre o fato e não investigar sua origem, nem contextualizá-lo, os jornais não acrescentam à discussão acerca do sistema carcerário brasileiro. Em vez de mostrar que 40% dos presos estão presos sob regime provisório, fato que provoca a superlotação e que facilita a ocorrência de brigas e motins, os veículos de mídia reduzem sua cobertura ao relato dos fatos. Desse modo, eles apenas contribuíram com a manutenção do pensamento simplório vigente sintetizado pela máxima “Bandido é bandido morto. Sessões de comentários cheias de frases do tipo “pena que não morreram mais” mostram isso.

Em 2006, o documentarista João Moreira Salles resolveu criar uma revista com o objetivo de suprir a uma carência no mercado editorial brasileiro: a de boas histórias. Para Salles, a *Piauí* pode ser definida como “uma revista mensal de jornalismo, ideias e humor. Publicamos para quem gosta de ler. Vale praticamente qualquer tema. Polícia, literatura, economia, televisão, arquitetura, cinema, futebol, odontologia- contanto que o dentista seja interessante, ou o tratamento de canal, revolucionário”.

O público da revista tem outra característica em comum além de gostar de ler: o padrão de vida elevado. Segundo uma pesquisa feita em 2011, 84% dos leitores vêm das classes AB. Além de matérias longas e que requerem maior carga cultural, o preço da revista também é um fator de exclusão das classes mais baixas. Em 2017, a revista é vendida por 20 reais, enquanto a maioria custa de 12 a 15 reais. A “recompensa” a quem compra está na qualidade de impressão. *Piauí* é a única revista que utiliza a folha polen soft-e principalmente nas suas matérias.

Longas e detalhadas, nem sempre tratam de pautas quentes, mas sempre estão cheias de boas histórias. A revista é constantemente ligada ao Jornalismo Literário, movimento dentro do Novo Jornalismo, que teve como expoentes Tom Wolfe, Gay Talese e Truman Capote. Quando questionado sobre o estilo literário do jornalismo da *Piauí* (2011), Moreira Salles afirma desconhecer o significado de jornalismo literário e acredita que existam tão somente textos bem ou mal escritos.

Entre as reportagens históricas estão a entrevista feita a Ricardo Teixeira em 2011, que tratava o até então presidente da CBF como uma pessoa pouco ética e que iniciou uma série de reportagens na mídia sobre casos de corrupção envolvendo o mandatário do órgão máximo de futebol no país. Além disso, a matéria feita pelo próprio Moreira Salles, chamada “Artur tem um problema”, que relata a ida do matemático brasileiro Artur Ávila aos Estados Unidos com o objetivo de descobrir um problema da matemática que perdurava há anos, ganhou o prêmio Esso em 2010.

A matéria

Vinculada à edição 132 da revista, a matéria “Meu Guri” discute por meio da história de Jeremias, rapaz de 21 anos que foi preso após roubar um celular de 150 reais, a questão do sistema penitenciário brasileiro. Segundo uma pesquisa feita pelo Ministério da Justiça em 2014, 40% da população carcerária brasileira está presa sob regime de prisão preventiva. Em uma estrutura tipicamente “piauíesca”, o editor da revista e autor do texto Armando Antenore, alerta o leitor acerca dessa situação por meio de uma narrativa bem construída e acima de tudo, correta do ponto de vista ético.

Logo no início do texto, já se encontra o primeiro exemplo disso. Sinalizado por um asterisco, o autor aponta que utilizou nomes falsos para identificar alguns dos personagens para preservar a segurança dos envolvidos. Em tempos em que nome e foto de acusados são comumente divulgados sem prudência alguma, a atitude do jornalista é louvável. O inciso VIII do artigo 6º, que foi citado anteriormente no texto, é dessa vez

cumprido. Além dele, o item VI do mesmo artigo e o inciso IV do Art.7º também são seguidos, como se pode notar.

VI - não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha;

IV - expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de local de trabalho, ou residência, ou quaisquer outros sinais

Após um parágrafo de apresentação no modelo estória, o jornalista descreve um pouco das características físicas e psicológicas do personagem central, além de apresentar um pouco de seu passado.

“O negro esguio de cabelo bem curto, bigodinho, cavanhaque ralo brinco passava uma temporada em Belford...Estava separado da mulher, Isabel, com quem estabeleceu uma relação bastante instável e gerou um menino, que acabara de festejar 3 anos. A moça e o garoto moravam na Zona Norte carioca em companhia da família dela. Grávida de dois meses, Isabel espera o segundo filho, uma menina, também de Jeremias”.

O pequeno relato evidencia a o alinhamento do autor do texto em relação ao artigo 4º do Código de Ética, que propõe que.

Art. 4º O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela **precisa apuração** e pela sua correta divulgação.

Após um relato detalhado acerca da cena do crime, o autor chega onde pretende quando começou a correr atrás da matéria. Após a decisão do juiz em prender Jeremias de forma preventiva enquanto aguarda o desenrolar do julgamento, Armando apresenta o alarmante dado que 40 por cento da população carcerária se encontra na mesma situação de Jeremias, estão presos sem serem julgados.

A situação que deveria ser uma exceção é uma prática comum no cenário judiciário brasileiro. Ser preso sem julgamento prévio fere o artigo X da Declaração Internacional dos Direitos Humanos e ao denunciar tal situação, portanto, o jornalista mostra-se à par não apenas dos Direitos Humanos, mas também consequentemente do Código de Ética nos seguintes itens.

Art. 6º É dever do jornalista:

I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos;

XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros, das minorias;

O preocupante dado não é simplesmente jogado no texto, mas sim utilizado pelo autor para mostrar uma das consequências que esse tipo de prisão provoca, a superlotação e o contato direto entre pessoas que cometeram crimes considerados leves e que ainda têm chance de serem reintegrados à sociedade com aqueles que já fazem parte das principais facções criminosas do país, como o Comando Vermelho, o Terceiro Comando Puro e ADA. Jeremias fica em uma cela com o último, já que este domina a região em que vive.

Uma das fontes expõe a problemática da seguinte forma.

“A criminalidade na Baixada está sob controle de cachorrões-bulldogues ferozes que operam uma engrenagem cheia de tentáculos”, resume Souza Alves. “Nesse contexto, um assaltante como Jeremias é o que? Uma pulga? Um ácaro? Talvez Jeremias não seja nem sequer um ácaro...”

Com base no que foi exposto no texto, fica claro que sua motivação não é fazer uma matéria sensacionalista. A extensão da matéria, que ultrapassa as cinco páginas deixa isso bem claro. O interesse público, então, é a preocupação da matéria, visto que, a partir da responsabilidade social que os veículos de mídia têm, o texto traz uma discussão acerca do sistema prisional brasileiro. Do ponto de vista ético, a atitude mostra-se acertada visto que o item I do Art. 2º do Código preconiza que:

I - a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica – se pública, estatal ou privada – e da linha política de seus proprietários e/ou diretores.

Ainda que o público leitor da *Piauí* seja pequeno, se comparado ao de grandes publicações como *Veja* e *Época*, ele será impactado pelo texto e “convidado” a participar da discussão. A revista utiliza bem capacidade de influência dos meios sob o público definidas pela teoria do *Agenda Setting*. Segundo os pesquisadores que a propuseram, Maxwell McCombs e Donald Shaw, os meios de comunicação têm o poder de decidir assuntos que serão discutidos e que não serão a partir do grau de exposição que a mídia os submeta.

Após a leitura da matéria fica claro que a opção por fugir do tradicionalismo jornalístico, com suas pirâmides e posturas éticas invertidas, foi acertada. Por meio do relato da vida dos personagens fica claro que não há vilões ou mocinhas na vida real. Todos estão rodeados por um passado e um contexto social que influenciam não somente suas atitudes, mas seu modo de pensar. Dessa forma, o texto ultrapassa o senso comum, cheio de estereótipos propagados por jornais e outros noticiários.

Em um contexto de crise das redações, jornais são obrigados a apurar e escrever cada vez mais rápido para suprirem as necessidades vindas da Internet, a existência da revista Piauí é louvável. Matérias longas e pautas frias poderiam à primeira vista um impasse em um país em que o número de pessoas que enumeram a leitura como uma de suas atividades favoritas é tão pequeno. No entanto, após mais de dez anos de existência, a decisão de criar a revista mostrou-se uma opção interessante em um mercado que sentia a falta de um produto editorial como Piauí. Não à toa, o público leitor da revista cresce, enquanto várias publicações têm o número de assinantes estável ou decaindo.

Referências

[..\Downloads\206-761-1-PB \(6\).pdf](#)

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-01/mas-condicoes-das-prisoas-facilitam-crescimento-de-faccoes-dizem-especialistas>

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1846359-maior-matanca-em-presidios-desde-o-carandiru-deixa-56-vitimas-no-am.shtml>

http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf

[..\Downloads\206-761-1-PB \(6\).pdf](#)

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-01/mas-condicoes-das-prisoas-facilitam-crescimento-de-faccoes-dizem-especialistas>

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/massacre-nos-presidios-e-o-reforco-da-midia-a-cultura-da-violencia-1>

